



**INSTITUTO PIAGET**  
*CAMPUS ACADÉMICO DE VILA NOVA DE GAIA*  
**ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO JEAN PIAGET**

## **AS TIC E O PATRIMÓNIO LOCAL**

# **VILA MEÃ**

**UMA TERRA COM HISTÓRIA...**

**PÓS-GRADUAÇÃO EM**  
**TECNOLOGIAS DA INFORMAÇÃO E DA COMUNICAÇÃO**

**CARLOS MANUEL DE SOUSA FERNANDES DE OLIVEIRA**  
**JOAQUIM RIBEIRO MONTEIRO DE QUEIROZ**

**SETEMBRO 2005**



**INSTITUTO PIAGET**  
*CAMPUS ACADÉMICO DE VILA NOVA DE GAIA*  
**ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO JEAN PIAGET**

# **AS TIC E O PATRIMÓNIO LOCAL**

# **VILA MEÃ**

**UMA TERRA COM HISTÓRIA...**

**PÓS-GRADUAÇÃO EM**  
**TECNOLOGIAS DA INFORMAÇÃO E DA COMUNICAÇÃO**

**SOB A ORIENTAÇÃO DE:**  
***MESTRE FLORINDA MACIEL***  
***MESTRE ANGÉLICA MONTEIRO***

**CARLOS MANUEL DE SOUSA FERNANDES DE OLIVEIRA**  
**JOAQUIM RIBEIRO MONTEIRO DE QUEIROZ**

**SETEMBRO 2005**

## AGRADECIMENTOS

---

À Mestre Florinda Maciel, à Mestre Angélica Monteiro e ao Mestre José Alberto Lencastre, digníssimos professores do Instituto Piaget das ESE Jean Piaget (Canelas) pela disponibilidade, pelos contributos e informação crítica que nos dispensaram ao longo do trabalho.

A todos os nossos amigos que nos ajudaram a ultrapassar os obstáculos e que conosco quiseram partilhar o seu saber e experiências e sempre nos incentivaram nesta caminhada. Entre os muitos que nos facultaram informação e registos documentais, gostaríamos de salientar o senhor Torcato Bessa, um «etnógrafo» amador, gente do Povo que gosta de investigar e registar as coisas do Povo e o Mestre António José Queirós, professor de História, poeta e investigador, de estilos diferentes mas, sobretudo, apaixonados pelo passado local da sua (e também nossa) terra.

Aos nossos familiares pelos muitos momentos em que não estivemos presentes.

O NOSSO RECONHECIDO OBRIGADO.

# ÍNDICE

---

<b>INTRODUÇÃO</b>	<b>1</b>
<b>I – ENQUADRAMENTO TEÓRICO</b>	<b>3</b>
<b>1 - DEFINIÇÃO DO CONCEITO DE MEIO</b>	<b>3</b>
<b>2 - O PAPEL DA ESCOLA NA COMUNIDADE</b>	<b>3</b>
<b>3 - O PATRIMÓNIO</b>	<b>5</b>
<b>4 - AS TECNOLOGIAS DA INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO</b>	<b>7</b>
<b>5 - RELAÇÃO ENTRE TECNOLOGIA, ENSINO E APRENDIZAGEM</b>	<b>8</b>
<b>6 - FACTORES DE MUDANÇA</b>	<b>10</b>
<b>7 - RELAÇÃO ENTRE PATRIMÓNIO E EDUCAÇÃO</b>	<b>15</b>
<b>II – PROBLEMA, OBJECTIVOS E METODOLOGIA</b>	<b>17</b>
<b>1 - PROBLEMÁTICA</b>	<b>17</b>
<b>2 - DEFINIÇÃO DO PROBLEMA</b>	<b>19</b>
<b>3 - RELEVÂNCIA E PERTINÊNCIA</b>	<b>20</b>
<b>4 - OBJECTIVOS DO PROJECTO</b>	<b>20</b>
<b>5 - PROPOSTA DE SOLUÇÃO</b>	<b>21</b>
<b>6 - PÚBLICO-ALVO</b>	<b>22</b>
<b>III – A PÁGINA WEB COMO SOLUÇÃO</b>	<b>23</b>
<b>1 - TEMA</b>	<b>23</b>
<b>2 - ENQUADRAMENTO</b>	<b>24</b>
<b>3 - CONTEÚDO</b>	<b>24</b>
<b>4 - HOME-PAGE</b>	<b>25</b>
<b>5 - SITE</b>	<b>26</b>
<b>CONCLUSÃO</b>	<b>29</b>
<b>BIBLIOGRAFIA</b>	<b>30</b>

## INTRODUÇÃO

---

Este trabalho acompanha uma Página da Internet sobre Vila Meã e representa o produto final da Pós-Graduação em Tecnologias da Informação e da Comunicação (TIC), realizada no Instituto Superior Jean Piaget.

A civilização actual tem passado por intensas e surpreendentes transformações, sociais e intelectuais. Muitas delas são fruto do grande desenvolvimento, do fácil acesso e da generalização das novas tecnologias. A evolução tecnológica permitiu que, hoje em dia, em praticamente qualquer casa (e em quase todas as escolas) haja rádio, televisão e computador, com ligação à Internet. Esses equipamentos, com especial relevância para o computador, foram (e continuam a ser) os principais responsáveis pela democratização da informação e comunicação, pois permitiram (e continuam a permitir) uma maior liberdade de criação e imaginação e ajudaram a derrubar paradigmas instalados e a modificar algumas das estruturas educacionais, organizacionais e sócio-culturais até então pouco flexíveis. A aprendizagem e o conhecimento podem ser facilitados pelo uso das Tecnologia da Informação e Comunicação.

*«Só se protege aquilo de que se gosta e só se gosta daquilo que se conhece, por isso o primeiro passo é conhecer»* (Barbosa, 1998:19). Esta foi a nossa principal preocupação ao projectar este trabalho. É nossa intenção dar a conhecer a localidade e o seu património; fazendo-o estamos a contribuir para a resolução de um problema que tem surgido na nossa actividade enquanto docentes e, simultâneamente, usando as TIC como recurso didáctico-pedagógico actual, pomos em prática muito dos conhecimentos e experiências adquiridos no decorrer deste curso, dando cumprimento ao regulamentado na Pós-Graduação.

A estrutura do trabalho apresenta um breve enquadramento teórico, onde se faz a referência à evolução da tecnologia e aos processos de ensino-aprendizagem da escola actual e do seu envolvimento com o meio que a rodeia, tendo em conta um objectivo específico – o estudo do património local. Depois de identificada a problemática do estudo, desenvolve-se a metodologia da investigação com a identificação de objectivos e dos procedimentos e apresenta-se uma solução que nos parece oportuna – a página da Internet sobre Vila Meã, as suas Instituições, os usos e costumes das suas gentes.

## I – ENQUADRAMENTO TEÓRICO

---

### 1 – DEFINIÇÃO DO CONCEITO DE MEIO

*«O Meio pode ser entendido como um conjunto de elementos, fenómenos, acontecimentos, factores e ou processos de diversa índole que ocorrem no espaço envolvente e no qual a vida e a acção das pessoas têm lugar e adquirem significado. O Meio desempenha um papel condicionante e determinante na vida, experiência e actividade humanas. Ao mesmo tempo sofre transformações contínuas como resultado dessa mesma actividade»* (Departamento da Educação Básica, 2001:35).

Esta é também a nossa definição.

Entendemos que o conhecimento do Meio, nesta perspectiva, deve partir da observação e análise dos fenómenos, dos factos e das situações, conduzindo-nos a uma tomada de posição crítica sobre o próprio Meio, contribuindo, pois, para o modificar, o defender e o respeitar; isso será tanto mais fácil quanto maior (e melhor) for a nossa relação emocional, afectiva e prática com ele.

O conhecimento do Meio engloba todos os níveis do conhecimento humano: inicia-se com a experiência sensorial directa e vai até aos conceitos mais abstractos; desde a comprovação individual até ao conhecimento através do testemunho, da informação e do ensino de outros; desde a apreensão do global até à captação analítica dos elementos que dele fazem parte.

### 2 – O PAPEL DA ESCOLA NA COMUNIDADE

Cabe à escola, sobretudo à escola básica do 1º ciclo, dar resposta às intenções acima referidas, partindo do **experencialmente vivido** pelos alunos (aspecto subjectivo) e **mais global** e **indiferenciado** do meio para o **socialmente partilhado** (aspecto objectivo) e **mais particular** e **específico**, tendo em conta a sua unidade.

Porém, a escola<sup>1</sup> foi durante muitos anos um espaço fechado ao Meio e isolado da comunidade. Em tempos, não muito longe da nossa memória, pouco mais se lhe pedia do que ensinar a «ler, escrever e contar» e que fornecesse algumas noções simples do passado histórico e da geografia de Portugal.

O papel da escola, bem como o da família, estavam definidos e separados. A própria legislação<sup>2</sup> escolar impedia a entrada de «*elementos estranhos*» na escola. Entre eles contavam-se os próprios pais dos alunos.

Após a *Revolução dos Cravos*, com o alargamento da escolaridade obrigatória, com o aparecimento de novos desafios no campo da educação, com o avanço tecnológico e o aparecimento de novas áreas e necessidades educativas, outras exigências foram pedidas às escolas, “*obrigando-a*” a novas práticas e novos papéis.

Tal como afirma Schewartz<sup>3</sup> (1984:38), «*uma escola fechada, isolada do mundo exterior é uma escola desvalorizada. Uma escola cortada da vida não prepara, na verdade, nem para viver nem para lutar...*»

Actualmente, pede-se à escola<sup>4</sup> do século XXI que seja diferente. A Lei de Bases da Educação, tal como a Lei de Bases<sup>5</sup> do Sistema Educativo, preconiza uma escola democrática, de qualidade e para todos, que saiba lidar positivamente com a heterogeneidade sócio-cultural dos educandos que recebe. Algumas dessas crianças quando chegam à escola já trazem consigo alguns estigmas que a sociedade lhes inculcou. A escola, por si só, pode acelerá-los ou, em parceria com outras instituições, atenuá-los ou mesmo erradicá-los; basta somente criar condições de combate à desigualdade, proporcionando efectivas condições de acesso e sucesso a todas as crianças. Do mesmo modo, essas crianças trazem consigo vivências do meio, que devida e positivamente exploradas vão permitir a aquisições de competências e saberes.

<sup>1</sup> Esta escola era vista como um serviço local do Estado. Era uma escola sem autonomia, tutelada hierarquicamente e dirigida de fora para dentro, valorizando sobretudo a dimensão instrumental da Educação; privilegiava o ensino em detrimento das aprendizagens efectivas dos alunos.

<sup>2</sup> O Despacho n.º 84/77, de 1 de Março, no seu ponto 1, rezava: «Só tem acesso aos estabelecimentos de ensino primário, preparatório e secundário o pessoal docente, administrativo e auxiliar e os alunos que pertençam ao respectivo estabelecimento de ensino.» - Vd. Amadeu Cordeiro Leal, in *Legislação do Ensino Primário e Jardins-de-infância*, pp. 177-178.

<sup>3</sup> Cf. «Escola e Vida», in *Caderno do PEPT 2000*, n.º 5, pp.32-38.

<sup>4</sup> Esta escola é vista como uma comunidade educativa, aberta aos diferentes membros da comunidade, que são vistos como parceiros e co-responsáveis na tomada de decisões. Privilegia-se a aprendizagem centrada no aluno.

<sup>5</sup> Lei n.º 46/89, de 14 de Outubro – A LBSE preconiza (1) o direito à educação e à cultura; (2) a democratização do ensino traduzida numa justa e efectiva igualdade de oportunidades no acesso e sucesso escolares; (3) a liberdade de aprender e ensinar – Vd. Lemos Pires, *Lei de Bases do Sistema Educativo*, p.24.



Em qualquer das situações descritas, a escola não pode isolar-se e ignorar o meio envolvente. A escola, em conjunto com as forças vivas da sociedade, é capaz de solucionar problemas desse mesmo meio, que contribuem para algumas situações de exclusão social e de insucesso escolar.

### 3 - O PATRIMÓNIO

Como referimos anteriormente, as crianças quando vão para a escola, levam já consigo um conjunto de experiências e saberes que foram vivenciadas no contacto com o meio em que estavam inseridas. Uma das funções da escola é «*valorizar, reforçar, ampliar e iniciar a sistematização dessas experiências e saberes*», permitindo aquisições de novas aprendizagens.

Assim sendo, todas as potencialidades do meio deverão merecer uma especial atenção, nomeadamente o património local.

Mas, o que se entende por Património?

São várias as definições: os dicionários referem que património é sinónimo de «*bens que herdámos dos nossos pais e avós*», (Dicionários do Estudante, *Português*, Porto Editora, 1981:741) ou «*qualquer espécie de bens, materiais ou morais, pertencentes a alguém ou a alguma instituição ou colectividade*». (Grande Dicionário da Língua Portuguesa, Amigos do Livro, 1981:484, vol. VIII). Para nós, tal como para Barbosa (1998:19), património é tudo aquilo que nos foi legado por «*aqueles que antes de nós foram*».

O Património que nos foi legado é uma parte que chegou até nós por escolha consciente dos homens que nos antecederam, e que tem que ver com um interesse cultural ou sentimental, e que escapou a destruições não voluntárias.

Neste aspecto, todas as pessoas em geral, independentemente de vontades e interesses particulares, têm o dever de pressionar as autoridades a agir, mas sobretudo, tendo em conta as dificuldades, de agirem eles próprios individualmente ou em grupos/associações, contribuindo para a preservação do património. Tudo aquilo que é considerado não prioritário, mas que muitas vezes é tão ou mais importante para a comunidade local, só pode ser preservado por esses grupos de cidadãos.

Por falar em grupos de cidadãos e em Associações, permitam-nos este parêntesis que julgamos oportuno e que, como se verá adiante, vai ao encontro deste trabalho:

Entendemos que a democracia só existe se houver *participação*.

A história e relatos de percursos de vida têm-nos demonstrado (e cremos que todos concordarão) que o indivíduo isolado está mais indefeso face às agruras da vida e/ou aos poderes instituídos. Daí o aparecimento das associações. Estas, geralmente, surgem pelas necessidades de grupos ou de comunidades e permitem e estimulam a participação.

Hoje, seguindo uma tradição muito arreigada em Portugal, existem muitas Associações diferentes nas suas características, mas em todas encontramos algo comum: os associados envolvem-se e defendem interesses comuns, alguns bastante importantes. Lembremos alguns:

- No campo cultural: as Associações tiveram (e continuam a ter) um papel importante na defesa e no desenvolvimento da nossa cultura, da música popular (e mesmo erudita), das danças, dos falares e culturas regionais, do artesanato, do comércio e indústrias locais;

- No campo educativo: foram as Associações (de emigrantes) que organizaram os cursos de Língua e Cultura Portuguesa; foram as Associações que pugnaram e iniciaram o processo de Alfabetização e Educação de Adultos; foram também as Associações as pioneiros na organização de actividades de animação sócio-educativa para a infância e juventude;

- No campo desportivo: quem, senão as Associações (sejam de grandes ou de pequenos clubes), se tem preocupado com o fomento das actividades desportivas e de lazer para crianças, jovens, adultos e terceira idade?

- No campo sócio-económico: para além de momentos de solidariedade, as Associações desenvolvem uma intervenção positiva neste campo encontrando soluções para alguns “males” da sociedade local: ajudam na área da habitação, da terceira idade, da saúde e higiene colectiva e na defesa do consumidor.

Para terminar fica a pergunta que nos poderá ajudar a reflectir: quantos de nós, quantos dos nossos jovens viram despontar vocações (e até orientações profissionais), aprenderam capacidades e desenvolveram atitudes de cidadania ao participar na vida associativa?

Retomando o tema Património...

De acordo com Barbosa (1998:24), «*só se protege aquilo de que se gosta e só se gosta daquilo que se conhece. Por isso, o primeiro passo é conhecer. E conhecer inicia-se por saber o que há e em que condições esse património se encontra*».

Nesse sentido, cabe à escola, não de uma forma isolada (mas também aqui com o apoio das forças vivas locais) definir o que se vai conhecer, como se vai conhecer e para onde se deve dirigir esse conhecimento.

Reforçando aquilo que afirmámos, Barbosa (1998:38-39) citando Jorge H. Pais da Silva<sup>6</sup>, diz que «*a primeira linha de defesa activa do património histórico-artístico situa-se nos bancos das escolas de todos os níveis, do escalão pré-primário até ao superior*» e afirma ainda que «*caberá ao docente imaginar, adaptar e pôr em prática os processos ao seu alcance que considere mais adequados em cada caso individual ou em cada turma.*»

Tudo pode desaparecer por acção do tempo ou do Homem.

Quando em determinadas circunstâncias, a conservação não é possível, torna-se necessário fazer um levantamento e um registo, para que no futuro se possua alguma informação do que existiu, mas que desapareceu. Este registo justifica-se, porque as gerações vindouras não viveram, nem vivenciaram, precisam que quem as viveu e/ou as vivenciou as descrevam e lhes contem o que se passou. Um atempado levantamento e um eficaz registo, ajudar-nos-ão a conservar a memória do que antes foi. É preciso assumir conscientemente a nossa memória colectiva.

#### 4 - AS TECNOLOGIAS DE INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO

O tempo é fértil em apagar tradições, modas, usos e costumes de um povo e de um quotidiano mais remoto. Pouco a pouco essas manifestações de cultura popular vão sendo apagadas pelos avanços das urbanizações, pelo rasgar de novas estradas, pela inovação do que vinha de fora e que se julgava ser a *modernidade*; pelo aparecimento, difusão e (podemos dizer) da massificação de equipamentos audiovisuais – primeiro a rádio, depois a televisão, mais tarde o vídeo, agora o computador e, em especial, a Internet.

Quem se lembra das conversas, dos contos, lengalengas e tradições que os mais velhos, no fim de um dia bem preenchido, depois da ceia, muitas vezes à luz de uma velha candeia, tinham com as crianças, antes de irem dormir?

---

<sup>6</sup> Jorge H. Pais da Silva, *Pretérito Presente*, s.l.,s.d., pp.38-39.

Quem se lembra das reuniões, à volta de um velho transístor, ouvindo os folhetins de uma rádio-novela, ou os relatos de futebol?

Quem se lembra dos agrupamentos, no café da aldeia ou na casa de um vizinho, para ver os filmes, os festivais ou um outro jogo de futebol na TV?

Hoje, as novas tecnologias mudaram muitas coisas. Está mudada a mentalidade dos nossos filhos, a sua forma de entender e captar a realidade, a sua atitude face ao conhecimento, o seu modo, em definitivo, de conceber o mundo. A educação não pode desenvolver-se ao arrepio ou ignorando essa inovação que, queiramos ou não, já nos invadiu plenamente.

Como afirma Freixo (2002:17), *«depois da televisão (ou do audiovisual) o sistema educativo não pode ser o mesmo»*. Até há relativamente pouco tempo, e ainda de acordo com a opinião do mesmo autor, *«o professor era para o aluno o único depositário de conhecimento e a passagem obrigatória da cultura»*, agora, *«no momento presente, os mass media constituem uma fonte fundamental de aculturação»* (*idem*).

## **5 - RELAÇÃO ENTRE TECNOLOGIA, ENSINO E APRENDIZAGEM**

Tentaremos, usando o quadro seguinte, dar uma visão global, e numa perspectiva histórica, dos principais acontecimentos das áreas da tecnologia, do ensino e da aprendizagem, tendo como base a Lei de Bases da Educação (LBE) e a opinião de vários autores, nomeadamente, Gal (2000) e Freixo (2002), citados por Pires, Soares e Fonseca (2005).

Quadro1 – Evolução da tecnologia, do ensino e da aprendizagem			
	Tecnologia	Ensino Portugal	Teorias da Aprendizagem
400 aC 1400 1700 1800 1900	Imprensa (1450)  Telefone (1876) Fonógrafo (1877) Fotografia (1888) Cinema (1895) Rádio (1895)	Fundação dos liceus (1836)	Platão: criança = adulto  Rousseau: criança ≠ adulto  Wundt (1880): pai da psicologia científica
1910  1920  1950  1960	Televisão (1926)  Gravador de vídeo (1956)  ARPAnet, nascimento da Internet (1969)	Universidade do Porto e Lisboa (1911) Reforma da Univ de Coimbra, (1911)   RE – Escolaridade = 4 anos (1956) RE – Escolaridade = 6 anos (1964) Telescola (1964)	<b>BEHAVIORISMO</b>  Watson (1913), behaviorismo clássico [aprendizagem comportamental]  Skinner (1950), behaviorismo operante [teoria do reforço] Skinner (1954), <i>teaching machine</i> [ensino programado] Bloom (1956) [taxinomia dos objectivos educacionais]
1970  1980	Cassetes de vídeo (1970) Microprocessador (1971)  IBM personal Computer (1981) PC Macintosh com GUI (1984)	Massificação do ensino (de 1974 a ...)  Projecto Minerva (1985) RE – Escolaridade = 9 anos (1986) Lei Autonomia Universidades (1988)	<b>COGNITIVISMO</b>  Miller (1965) [Teoria do processamento de informação] Piaget (1968) [estádios do desenvolvimento intelectual]  Vygostsky (1978) [teoria do desenvolvimento social]
1990  1994  1995  2004	CD-Rom + ARPAnet - Internet Web (1991) <i>Browser</i> NCSA Mosaic (1993) Microsoft Windows 3.1 (1993) <i>Browser</i> NetScape Navigator Internet em Portugal (1994) <i>Browser</i> internet Explorer  Vídeo contínuo <i>streaming media</i> (1997)	Programa Nónio-Século XXI (1996) Livro verde p/ Soc. Informação (1997) Programa Internet na Escola (1997) Disciplina TIC para 9º/10º Anos ((2004)	<b>CONSTRUTIVISMO</b>  Conciliação de perspectivas cognitivas e sociais

Fonte: PIRES, Carla, SOARES, Cristina e FONSECA, P. Rita – *Matemática*, VN Gaia: IPIaget, 2005, 20 p., Projecto de Investigação de PG-TIC

## **6 - FACTORES DE MUDANÇA**

Após a leitura e análise dos trabalhos realizados pelos autores citados anteriormente, da qual resultou o Quadro anterior, verificámos que as mudanças operadas com a evolução tecnológica e a generalização das novas tecnologias provocou mudanças na vida das pessoas – o modo de comunicar alterou-se profundamente. Com o aparecimento da Imprensa (1450 – Johan Gutenberg) a duplicação da informação, feita até aí manualmente, passa a ser feita em massa, permitindo uma rápida distribuição. Inicia-se assim a comunicação em massa. Depois (entre 1800 e 1960) as inovações tecnológicas, ocorridas nos finais do século XIX e até aos meados do século XX, permitem adicionar realismo à comunicação. Com o aparecimento da televisão (1926) e a sua utilização como equipamento educacional (a partir de 1950) e o advento do computador pessoal (entre 1970-1980) as alterações na sociedade são profundas, intensificando-se ainda mais com o aparecimento do computador multimédia e, mais tarde, com o surgimento da Internet.

Em Portugal, apesar dessas tecnologias chegarem com alguns anos de atraso (recorde-se que a televisão “nasceu” em Portugal no ano de 1957), esses equipamentos também provocaram alterações na forma de estar e pensar, nas relações de trabalho e de lazer.

As influências da evolução tecnológica também chegaram ao ensino. Como tivemos oportunidade de dizer, durante muito tempo o processo de educação cingia-se à escolarização primária (durante três ou quatro anos) onde, um professor (que até nem tinha que ter grandes habilitações) pouco mais ensinava do que a ler, escrever e contar. Poucos eram os que tinham possibilidades de prosseguir estudos, mas mesmo esses continuavam a ter um professor que lhes ministrava outros saberes. Com a criação dos Liceus, na dita Reforma de Passos Manuel, em 1836, (Carvalho, 1986), a pedagogia sofreu alguma evolução, passou-se de um professor pluridisciplinar para um ensino a cargo de vários professores, agora com formação científica e pedagógica na área a leccionar. Como disse Gal (2000) este foi um marco importante no desenvolvimento pedagógico do ensino.

Em 1956, a reforma educativa de Leite Pinto, de acordo com Carvalho (1986) obrigava a uma escolaridade obrigatória de quatro anos, inicialmente só para os alunos do sexo masculino e mais tarde (1960) alargado também aos do sexo feminino. A escolaridade obrigatória tem vindo progressivamente a aumentar: em 1964 passou para seis anos (Reforma Educativa de Galvão Teles, Decreto Lei de 9 de Julho de 1964, citado por Car-

valho, 1986), com a aprovação da LBSE, em 1986, pela Assembleia da República, passou para nove anos. A actual Lei de Bases da Educação eleva-a para doze, começando a concretizar-se a partir do ano lectivo de 2005/06 (Programa do Governo, 2003).

A disciplina de TIC entra no currículo do 9º e 10º ano (Justino, 2002), mas antes, através do Projecto Minerva (que decorreu entre 1985 e 1994), os computadores já tinham chegado às nossas escolas. Em 1994 surge a Internet em Portugal e a partir de 1996 aparecem vários projectos ligados a esta área. Desses, merece-nos destaque o *Programa Nó-nio-Século XXI* (1996) que permite o apetrechamento das escolas com equipamento multimédia e o *Programa Internet na Escola* por iniciar as crianças do 1º ciclo nas coisas da Informática. Estas e outras medidas estavam já contempladas no Livro Verde para a Sociedade da Informação<sup>7</sup>, designadamente no capítulo quatro “A Escola Informada: Aprender na Sociedade de Informação”. Paralelamente, as acções de formação de professores vão contribuindo para que as ferramentas básicas da sociedade de informação<sup>8</sup> e do conhecimento sejam adquiridas e verbas comunitárias, inseridas no Quadro de Apoio Comunitário, vão proporcionando que todas as salas das escolas básicas do 1º ciclo comecem a ter um computador multimédia, com ligação (de banda larga) à Internet.

O digital pouco a pouco sobrepõe-se ao analógico, a evolução dos computadores e a facilidade de acesso à Internet (cada vez mais rápida e a custos reduzidos), bem como a globalização da economia e a concorrência mundial, provocam mudanças, nomeadamente na formação dos recursos humanos.

As escolas começam a ter de lidar com esta realidade. Cada vez mais é necessário que as pessoas saibam reformular as suas aprendizagens de base. O *aprender a aprender* (permanente ao longo da vida) passa a ser uma realidade. Agora, e mais do que nunca, qualquer trabalhador qualificado, para além da normal actualização científica e tecnológica, precisa também de saber trabalhar em equipa, precisa de saber pesquisar, analisar e tratar a informação.

---

<sup>7</sup> Ministério da Ciência e Tecnologia, Missão para a Sociedade da Informação, *Sociedade da Informação - Livro Verde para a Sociedade de Informação de Portugal*, Lisboa, 1997

<sup>8</sup> A expressão “sociedade da informação” refere-se a um modo de desenvolvimento social e económico em que a aquisição, armazenamento, processamento, valorização, transmissão, distribuição e disseminação de informação conducente à criação de conhecimento e à satisfação das necessidades dos cidadãos e das empresas, desempenham um papel central na actividade económica, na criação de riqueza, na definição da qualidade de vida dos cidadãos e das suas práticas culturais. In “Introdução”, *Sociedade da Informação - Livro Verde para a Sociedade de Informação de Portugal*, p.7.

«A aprendizagem é um processo indispensável à sobrevivência, pois torna o homem capaz de se afirmar como ser racional, formando a sua personalidade e preparando-o para o papel que lhe cabe na sociedade». (Campos, 1987)

Ao longo dos tempos as práticas educativas de aprendizagem não eram consideradas objectos de estudo científico. Platão (filósofo, séc. IV a.C) via a criança como um adulto em miniatura; Rousseau (escritor e filósofo suíço, 1712-78) precursor da pedagogia moderna, constata que a criança é qualitativamente diferente do adulto e afirma que existe um tempo para cada aprendizagem.

No decorrer desse século, importantes vertentes teóricas foram construídas, buscando a melhor maneira de entender a aprendizagem. Servimo-nos das definições de Schuman (1996) para as realçar:

### ***O Behaviorismo – do behaviorismo clássico<sup>9</sup> ao behaviorismo operante<sup>10</sup>***

Ainda de acordo com Schuman (1996), «o behaviorismo baseia-se nas mudanças de comportamento observáveis. Um dado modelo de comportamento é repetido até que o mesmo se torne automático».

Watson (psicólogo americano, 1878-1958), apoiando-se nos estudos da psicologia animal de Pavlov<sup>11</sup> (sobre reflexos condicionados) aplicou-a aos humanos, entendendo que a repetição (mecânica) de um comportamento se poderia tornar automático. Mais tarde, Skinner<sup>12</sup>, autor do ensino programado (os assuntos a aprender deviam ser sequenciados), conclui que o reforço resulta da satisfação provocada no sujeito pela verificação da boa resposta que ele soube dar a uma questão. Para Skinner, como escreve Davis (1991:33), o “comportamento é sempre o resultado de associações estabelecidas entre algo que provoca (um estímulo antecedente) e algo que o segue e o mantém (um estímulo consequente)”.

---

<sup>9</sup> O comportamentalismo (behaviorismo) apareceu no início do século XX com o argumento de que o foco da Psicologia humana deveria ser o comportamento ou actividades do ser humano.

<sup>10</sup> Também designado por neobehaviorismo – forma de behaviorismo que, ultrapassando o esquema simplista estímulo-resposta do behaviorismo clássico, tem em conta novas experiências e elementos de certas doutrinas filosóficas ou psicológicas. In Dicionário Temático Larousse, *Psicologia*, p.181

<sup>11</sup> Ivan Petrovitch Pavlov (1849-1936) – psicólogo russo. Para ele os fenómenos psicológicos mais complexos (hábito, vontade) eram redutíveis a um conjunto de reflexos condicionados, dos quais alguns poderiam mesmo ser transformados em reflexos absolutos. In Dicionário Temático Larousse, *Psicologia*, p.196

<sup>12</sup> Burrhus Frederick Skinner (1904-1990) – psicólogo americano. Contraria Pavlov, pensa que o comportamento deve ser explicado por um «condicionamento de segundo tipo»: o sujeito, adaptando-se às condições do meio, obtém uma satisfação e é a satisfação obtida pelo comportamento que suscitará a sua repetição. Idem, p. 243.



### ***O Cognitivismo***<sup>13</sup>

Citando Schuman (1996), «*o cognitivismo baseia-se nos processos mentais subjacentes ao comportamento. As mudanças no comportamento são observadas e utilizadas como indicadores do que está a acontecer na mente do aprendiz*».

Entre 1950 e 1960 surgem as abordagens cognitivistas, em oposição ao (neo)behaviorismo. Os estudos de Miller (com a teoria de processamento de informação) e de Piaget (psicólogo suíço, 1896-1980, com a nova disciplina “*epistemologia genética*”, que visa explicar o conhecimento a partir da formação) são fundamentais para impor esta corrente como teoria dominante da aprendizagem. Esta teoria centra-se (agora) nos processos cognitivos que ocorrem na mente do aprendiz e não nos comportamentos observáveis e automatizáveis.

Como dizem Pires, Soares e Fonseca (2005:8), «*a aprendizagem humana passou a ser vista como um processo análogo ao “processamento da informação” no computador: a informação recebida pelo aprendiz é processada na memória de curto prazo juntamente com o conhecimento prévio e, em função disso, é transferida para a memória de longo prazo para ser armazenada e consultada*».

A partir dos estudos de Gesell, citado por Sprinthall e Sprinthal, aceita-se que o crescimento e o desenvolvimento da criança se faz de acordo com uma sequência invariante (os estádios) e que cada um deles é um período de mudança em que «*cada criança atravessa períodos de reorganização profunda seguidos por períodos de integração, durante os quais um novo estádio é alcançado e as mudanças assimiladas*», Sprinthall e Sprinthal (1993:97). Os estudos de Piaget confirmam-no e fazem-nos perceber que as aprendizagens estão dependentes da maturidade do indivíduo e que a aquisição de novos conhecimentos está condicionada pela assimilação dos anteriores.

Vygotsky, no final dos anos setenta, com a publicação da “Teoria do desenvolvimento social” refere que os factores sócio-culturais influenciavam o desenvolvimento cognitivo. Como diz (Leite, 1991:27), «*Vygostky enfatiza o papel da interação social ao longo do desenvolvimento ontogenético. Ao nascer, o sujeito humano é herdeiro de toda essa evolução filogenética e cultural, e seu desenvolvimento dar-se-á em função de características do meio social em que vive*».

---

<sup>13</sup> Cognitivismo, corrente moderna de pensamento que tem por objectivo o conhecimento enquanto actividade, surge em França, na década de 80, como reacção às teorias behavioristas, então dominantes. Idem, p. 59.

Segundo Vygotsky, Vygotsky e John-Steiner (1978), a aprendizagem processa-se a dois níveis: primeiro ao nível “sócio-cultural” através da interacção com os outros, e depois ao nível “individual” pela integração na própria estrutura mental do indivíduo (reflexão pessoal).

Um outro aspecto importante da sua teoria é a ideia de que o potencial do desenvolvimento cognitivo está limitado à zona de desenvolvimento próxima (ZPD) – considerada como a distância entre o nível de desenvolvimento real e o nível de desenvolvimento potencial. O nível de desenvolvimento real – determinado pela capacidade do indivíduo solucionar independentemente as actividades que lhe são propostas; o nível de desenvolvimento potencial – determinado através da solução de actividades realizadas sob a orientação de uma outra pessoa mais experiente ou cooperação com colegas mais capazes.

A mediação ocorrendo fora da ZPD, não produziria nenhum desenvolvimento, pois, ou o aprendiz já sabe o que está sendo proposto pelo mediador, ou não é capaz de entender o que o mediador está sugerindo.

A zona de desenvolvimento próxima é potencializada através da interacção social, ou seja, as habilidades podem ser desenvolvidas com a ajuda de um adulto ou através da colaboração entre pares. Já o nível de desenvolvimento real é considerado como as funções mentais do indivíduo que já estão estabelecidas, decorrentes das etapas de desenvolvimento inteiramente cumpridas pelo sujeito.

### ***O Construtivismo***

E citando de novo Schuman (1996), “*o construtivismo baseia-se na premissa de que todos nós construímos a nossa perspectiva do mundo, através da experiência individual e do esquema*”.

Na década de 1990, com o emergir da Sociedade de Informação e do Conhecimento, com o *boom* da Internet e o crescente irradiar da *teia*, houve a necessidade de encarar a aprendizagem numa perspectiva não apenas cognitiva, mas também social. Essa perspectiva designa-se por construtivismo.<sup>14</sup>

---

<sup>14</sup> **Construtivismo** é uma das correntes teóricas empenhadas em explicar como a inteligência humana se desenvolve partindo do princípio de que o desenvolvimento da inteligência é determinado pelas acções mútuas entre o indivíduo e o meio. A ideia é que o homem não nasce inteligente, mas também não é passivo sob a influência do meio, isto é, ele responde aos estímulos externos agindo sobre eles para construir e organizar o seu próprio conhecimento, de forma cada vez mais elaborada.

Todas as definições desta teoria partilham um conjunto de princípios básicos: i) o conhecimento é construído activamente pelo aluno, não é transmitido; ii) a aprendizagem é, simultaneamente, um processo activo e reflexivo; iii) a interpretação que o aluno faz da nova experiência é influenciada pelo seu conhecimento prévio; iv) as interacções sociais introduzem perspectivas múltiplas na aprendizagem; v) a aprendizagem requer a compreensão do todo assim como das partes, e estas deverão ser entendidas no contexto do todo. A aprendizagem deve, por isso, centrar-se em contextos e não em factos isolados.

Em suma, a essência do construtivismo é, pois, construir o seu próprio conhecimento, o qual é visto como relativo e falível, porque nada é absoluto, varia de indivíduo para indivíduo e nada pode ser assumido como garantido.

## 7 - RELAÇÃO ENTRE PATRIMÓNIO E EDUCAÇÃO

Apesar de vivermos numa *sociedade pós-moderna*, onde o individualismo é cada vez maior e se reivindica mais liberdade individual, nenhum de nós pode viver à margem de uma ou várias comunidades. Esta, tal como a família, constitui uma âncora que nos piores momentos nos ameniza algum sofrimento e nos dá alguma segurança. E as comunidades reivindicam cada vez mais a sua identidade por intermédio da divulgação do seu património.

Nesse sentido, e como já tivemos a oportunidade de dizer, cabe ao professor ensinar o que é património e que o património é apropriado e reapropriado pelas comunidades para reivindicarem as suas identidades culturais. Dessa forma, conhecendo-o poderemos também conhecer a nossa verdadeira identidade. Essa pode ser uma das nossas respostas face a uma galopante e absorvente globalização de ideias, bens, capitais e serviços.



Definido o enquadramento teórico, em que (com a ajuda da literatura da especialidade) tentámos relacionar o **Meio** com a **Escola**, historiando o evoluir da sua inter-relação, ao mesmo tempo que evidenciámos os actuais benefícios deste relacionamento. Falámos do **Património Local** e das suas relações com o **Meio** e a **Educação**. Fizemos também referência ao emergir das novas **Tecnologias da Informação e Comunicação** e ao conjunto de mudanças operadas na actual sociedade.

Nestes quatro itens **Meio – Escola – Património – Tecnologias** tentámos encontrar pontos comuns e de convergências. Cremos que o conseguimos. Agora, nas páginas seguintes, tentaremos definir a área da problemática do nosso trabalho e, concretamente, o problema que nos motivou a este trabalho, apresentando de seguida a metodologia e uma proposta (concreta) de solução do problema.

## II – PROBLEMA, OBJECTIVOS E METODOLOGIA

---

### 1 - PROBLEMÁTICA

Para um melhor enquadramento, sintetizamos parte do programa de Estudo do Meio que entendemos pertinente para o nosso estudo e que de algum modo ajudará a perceber a problemática que motivou este trabalho.

#### ESTUDO DO MEIO

**Princípios Orientadores:**

Todas as crianças, apesar da pouca idade, ao entrarem na escola, trazem consigo um conjunto de experiências e saberes que foram acumulando no contacto com o meio em que estavam inseridas. É dever da escola «*valorizar, reforçar, ampliar e iniciar a sistematização dessas experiências e saberes*», de modo a permitir-lhes a aquisição de novas aprendizagens e já mais complexas.

O meio local, em que viveu e que conhece, deverá ser sempre o objecto privilegiado de uma primeira «*aprendizagem metódica e sistemática*» pois, nestas idades, o pensamento está voltado para a aprendizagem concreta<sup>15</sup>.

Pouco a pouco, a criança (através dos *media*) tem acesso a outros espaços e locais, alguns geograficamente distantes, mas a compreensão de realidades que elas não conhecem directamente, só será possível a partir das referências que o meio próximo lhes fornece.

Dito isto, facilmente se perceberá agora a importância para qualquer criança do conhecimento local onde vive. O meio envolvente e todas as suas vivências vão ser factor condicionante de aprendizagens futuras. A criança vai ter de aprender a conhecer-se, vai ter de identificar aspectos físicos e sociais, comparando-os com os que a rodeiam, vai ter de compreender, de reconhecer e valorizar aspectos da história local, pois, partindo do princípio que, *é a memória que nos leva ao futuro*, só poderemos perspectivar o futuro se conhecermos o nosso passado.

---

<sup>15</sup> Cf. Jean PIAGET – Estádios do Desenvolvimento Cognitivo.

Estádio das Operações Concretas - dos sete aos onze anos – período que coincide praticamente com o 1º ciclo da escolaridade obrigatória. Características da criança: Nesta fase a criança abandona o pensamento mágico e sonhador, repleto de fantasias, e privilegia o pensamento concreto, compreende porque pode testar; a capacidade de raciocínio abstracto é fraca, por vezes memoriza, mas não generaliza; as regras, para ela, são leis acabadas, fixas, necessárias e arbitrarias, que não podem ser mudadas.

Depois destes Princípios Orientadores, vejamos alguns dos Objectivos gerais:

ESTUDO DO MEIO
<p><b>Objectivos Gerais:</b></p> <p>Entre outros pretende-se que:</p> <ol style="list-style-type: none"> <li>1. Estructure o conhecimento de si próprio, valorizando a sua identidade e raízes;</li> <li>2. Identifique elementos básicos do Meio Físico e Social envolvente;</li> <li>3. Identifique problemas concretos do meio e colabore em acções para a melhoria;</li> <li>4. Seleccione fontes de informação e utilize diversas formas de tratamento de dados;</li> <li>5. Reconheça e valorize o seu património (histórico, cultural e etnográfico)</li> </ol>

Com o Estudo do Meio os alunos começam a estruturar o conhecimento de si próprios, desenvolvendo atitudes de auto-estima e autoconfiança e de valorização da sua identidade e das suas raízes; progressivamente, voltam-se para os outros e para as instituições, aprofundando o conhecimento da Natureza e da Sociedade. Daí ser importante que reconheçam que os vestígios de outras épocas (monumentos, fotografias, documentos escritos e orais, tradições, usos e costumes, associações, etc.) constituem fontes de informação que podem utilizar e os ajudam a reconstituir o passado. Deste modo, a criança desenvolve atitudes de respeito pelo património, sua conservação e valorização.

Aos professores cabe proporcionar-lhes os instrumentos e as técnicas necessárias para que eles possam construir o seu próprio saber de forma sistematizada. Estas situações potenciam aprendizagens cognitivas (aquisição de conhecimentos, de métodos de estudo, de estratégias cognitivas) e aprendizagens afectivo-social (trabalho cooperativo, atitudes, hábitos, ...). Dos conhecimentos, capacidades e atitudes resultarão competências de *saber* (conhecimentos cognitivos), de *saber-fazer* (observações, consulta de mapas, localização, interpretação de códigos, métodos de estudo, ...) e *saber-ser* (respeito pelo património, defesa do ambiente, manifestações de solidariedade, ...) <sup>16</sup>

E conheçam-se os conteúdos programáticos do 3º e 4º anos:

<sup>16</sup> in *Curriculum Nacional do Ensino Básico – Competências Essenciais*, ME/DEB. cf. Competências Específicas - Estudo do Meio, p. 78

## ESTUDO DO MEIO

**3º Ano – O Passado do Meio Local**

Neste item temático/conteúdo pretende-se que:

1. Identifique figuras da história local presentes na toponímia, estatuária, tradição oral, ...
2. Conheça factos e datas importantes para a história local (origem da povoação, concessão de forais, batalhas, lendas históricas, ...);
3. Conheça vestígios do passado local:
  - construções (habitações, castelos, moinhos, antigas fábricas, igrejas, monumentos pré-históricos, pontes, solares, pelourinhos, ...)
  - alfaias e instrumentos antigos e actividades a que estavam ligados;
  - costumes e tradições locais (festas, jogos tradicionais, medicina popular, trajes, gastronomia, ...)
  - feriado municipal (acontecimento a que está ligado).
4. Reconheça a importância do património histórico local

**4º Ano – O Passado do Meio Local**

Neste item temático/conteúdo pretende-se que:

1. Pesquise sobre o passado de uma instituição local (escola, autarquia, clubes, associações, instituições religiosas, ...)
  - recorrendo a fontes orais/documentais para a reconstituição do passado da instituição.

**1.1 – DEFINIÇÃO DO PROBLEMA**

Como se disse, cabe aos professores proporcionar aos alunos os instrumentos e as técnicas necessárias para que eles possam construir o seu próprio saber de forma sistematizada.

Pela experiência recente, podemos afirmar, quando esta temática surge em estudo, que alunos e professores se deparam com esta realidade: não há onde pesquisar (Vila Meã ainda não tem biblioteca pública e encontra-se a 10 / 15 km de Amarante, Penafiel, Marco de Canaveses, Lousada, Felgueiras localidades circunvizinhas com biblioteca pública), as fontes são escassas, e/ou estão desorganizadas ou muito dispersas, apesar do património local ser rico e merecedor de estudos mais aprofundados.

## 2 - RELEVÂNCIA E PERTINÊNCIA

Cientes desta realidade, até porque as vivenciámos enquanto professores do 1º ciclo, e muito concretamente nestes dois últimos anos lectivos, este foi um dos motivos (entre outros, irrelevantes neste momento para este trabalho) que nos levaram até esta Pós-Graduação (PG). Ao analisar a composição curricular da PG e ao verificar da necessidade de um trabalho final, desde logo pensámos optar por contribuir para a resolução desta problemática e deste problema em concreto: criar um instrumento (CD-ROM multimédia ou uma Página da Internet) onde a comunidade educativa e população em geral, nacional ou mesmo internacional (dado que esta região também é de forte emigração), pudessem ficar a conhecer um pouco melhor o património local de Vila Meã.

## 3 – OBJECTIVOS DO PROJECTO

Tenhamos em conta os seguintes pressupostos:

Tal como afirmámos, *«só se protege aquilo de que se gosta e só se gosta daquilo que se conhece. Por isso, o primeiro passo é conhecer. E conhecer inicia-se por saber o que há e em que condições esse património se encontra»*, Barbosa (1998:24).

Nesse sentido, disse-se: *«a primeira linha de defesa activa do património histórico-artístico situa-se nos bancos das escolas de todos os níveis, do escalão pré-primário até ao superior»* e afirmou-se ainda que *«cabera ao docente imaginar, adaptar e pôr em prática os processos ao seu alcance que considere mais adequados em cada caso individual ou em cada turma»*, Barbosa (1998:25) citando Jorge H Pais da Silva.

Também se afirmou que tudo pode desaparecer por acção do tempo ou do Homem. E que, em determinadas circunstâncias, quando a conservação não é possível, torna-se necessário fazer um levantamento e um registo, para que no futuro se possua alguma informação do que existiu, mas que desapareceu.

De acordo com os pressupostos enunciados, ao projectar este trabalho, tentaremos que se concretizem os seguintes objectivos:

- i) Alertar para a importância do Património local;
- ii) Reconhecer o interesse da sua preservação;
- iii) Desenvolver atitudes de respeito pelo Património;
- iv) Valorizar o Património como factor de identidade de uma comunidade;
- v) Identificar figuras da história local;



- vi) Conhecer factos e datas importantes;
- vii) Reconhecer símbolos locais;
- viii) Conhecer vestígios do passado local
- ix) Utilizar vestígios de outras épocas como fontes de informação;
- x) Pesquisar sobre o passado das instituições locais;
- xi) Reconhecer o papel das associações no desenvolvimento local.
- xii) Reconhecer a importância das TIC na preservação do Património.

Para tal propomo-nos seguir a seguinte metodologia de trabalho:

1. Fazer o levantamento de todo o património local de Vila Meã;
2. Efectuar o seu registo em suporte digital;
3. Compilar todas as fontes documentais existentes;
4. Recolher (em suporte audiovisual) fontes orais;
5. Organizar toda a informação recolhida;
6. Construir uma página para a Internet com a informação disponível;
7. Divulgar o Património local inserindo a página na Internet;
8. Disponibilizar um CD-Rom com a informação recolhida.

#### **4 – PROPOSTA DE SOLUÇÃO**

**Numa primeira fase**, e como resposta final para a PG, elaborar uma página da Internet – se possível, design simples mas apelativo, com um aspecto gráfico atractivo, de navegação simples e intuitiva (preferencialmente cruzada) –, dando a conhecer: i) a nossa localidade e as suas potencialidades; ii) as personagens da história local; iii) os factos e as datas mais importantes; iv) vestígios do passado local – os monumentos, os usos, costumes e tradições; v) as suas associações; vi) os seus símbolos.

**Numa segunda fase**, posterior a este trabalho da PG, tentaremos evidenciar as transformações ocorridas ao longo dos tempos – para tal contámos que, uma primeira divulgação, nos abra portas a documentos que sabemos existir, mas (ainda) não conseguimos localizar.

Ao optar por uma página Internet, em detrimento de um CD-ROM, fizemo-lo conscientemente – entendemos que o CD, sendo um auxiliar precioso no processo de ensino-aprendizagem, muito em uso actualmente, seria (neste caso) algo limitativo das nossas ambições. Corríamos o risco, ao “queimar” o CD, de ver cristalizada a informação.

É costume dizer-se que a história, que na sua significação mais simples, é apenas a reconstituição dos acontecimentos passados, está sujeita, por virtude das ideias de cada época e das convicções de quem a escreve e de interesses, quer pessoais, quer colectivos, e graves deformações que prejudicam a sua perfeita objectividade.

Tendo em conta esse facto, pretendemos algo de diferente. Queremos que a informação da nossa página possa ser acessível, contestada e melhorada. Hoje, a Internet permite-nos divulgar informação, permite-nos interagir com quem nos lê (a indicação de um endereço de e-mail para tal é suficiente), permite-nos actualizações permanentes e a qualquer instante.

### **5 - PÚBLICO-ALVO**

De acordo com o que escrevemos, o nosso público-alvo está definido: queremos que os jovens em idade escolar possam encontrar, **neste site e nesta primeira fase**, respostas para concretizar as aprendizagens propostas no programa do 1º ciclo do ensino básico; e **numa segunda fase**, que qualquer vilameanense (natural ou *adoptado*, residente ou não) possa ver e recordar os seus locais, possa conhecer e estudar os passos da sua gente, possa sentir e reflectir os percursos da sua terra e, através do seu testemunho e das suas vivências, das suas estórias, possa colaborar connosco, corrigindo-nos ou partilhando algo que enriqueça o site.

### III – A PÁGINA WEB COMO SOLUÇÃO

---

#### TEMA

#### ♦ PÚBLICO-ALVO E OBJECTIVOS

Tema: **O PATRIMÓNIO LOCAL –VILA MEÃ**

Objectivos: Não esquecendo os objectivos inseridos nas pp. 20-21 deste trabalho, o *site* deve servir para: i) **INFORMAR**; ii) **MOTIVAR**; iii) **SENSIBILIZAR**.

Público-alvo: *Nesta 1ª parte* - os alunos do 3º e 4º anos do 1º Ciclo que frequentam as escolas da região de Vila Meã; *numa 2ª parte* – qualquer pessoa, mas em particular os vilameanenses (naturais ou *adoptados*, residentes ou não), que de-seje(m) conhecer o património desta localidade.

Tendo em conta os pressupostos anteriores, o produto apresentado deverá ser visto como um auxiliar eficaz de estudo, sobretudo para o público-alvo para quem foi pensado este projecto. O tema abordado nesta Webpage corresponde à unidade didáctica do programa de ESTUDO DO MEIO – **À Descoberta dos Outros e das Instituições**, do 1º ciclo do Ensino Básico.

Esta é uma parte essencial no curriculum nacional, mas para a qual não existe muito material de apoio – o que existe é escasso e encontra-se muito disperso. Este site (numa 1ª fase) poderá ajudar os jovens alunos que frequentam a escolaridade obrigatória nesta região, a conhecer o Património local, pois só assim (depois de o conhecer) é que ficarão sensibilizados para a importância de o proteger e preservar. O projecto global (*numa 2ª fase e já posterior a esta PG*) dará conhecimentos suplementares àqueles que anseiam ficar a conhecer com maior profundidade os usos, costumes e tradições das gentes de Ribatâmega, região que abrange as gentes das freguesias do extinto concelho de Santa Cruz de Ribatâmega, da qual Vila Meã foi sede de concelho.

## ENQUADRAMENTO

### ◆ CONCEITOS E PASSOS DE CONSTRUÇÃO

Ao elaborar este projecto tivemos em atenção os seguintes aspectos:

**Em relação ao Texto e Imagens** – através da leitura de documentos específicos, tentámos criar um produto com uma linguagem correcta, conciso nas descrições e com ilustrações detalhadas e atractivas, já que acreditámos que uma boa imagem pode ser um bom caminho para alcançar a compreensão da realidade.

**Em relação à concepção e estrutura da Webpage** – para além da visualização de algumas páginas que abordavam esta temática, da leitura de alguns textos sobre a concepção e design de páginas, optámos (sobretudo) por seguir e pôr em prática os ensinamentos recolhidos nas aulas do módulo de Internet, não esquecendo (obviamente) os ensinamentos recolhidos nos outros módulos desta PG.

**Interface com o utilizador e tipo de navegação** – sabemos que em qualquer projecto deste tipo deverá ser dada especial atenção ao tipo de navegação e à interacção do utilizador com o produto. Assim, a inclusão do *mapa do site* na página, poderá por si só, ajudar a compreender a sua navegabilidade. Optámos por fixar (sempre no mesmo local) um conjunto de botões que nos permite uma **navegação não-linear**, i.é, o utilizador navega livremente por todo o conteúdo do projecto, sem que lhe seja imposta qualquer restrição. Em relação à **interacção** do utilizador com a página: foi nossa preocupação deixar uma breve advertência sobre a maneira de “fazer história” e um e-mail de contacto. O alerta permite ficar a saber que a história, por vezes, *«está sujeita, por virtude das ideias de cada época e das convicções de quem a escreve e de interesses, quer pessoais, quer colectivos, a graves deformações que prejudicam a sua perfeita objectividade»*; o e-mail serve para corrigir eventuais erros ou deformações e para completar informações sobre esta temática. Não foi (nem será) nossa intenção deformar o que publicámos, respeitámos as fontes, mas (admitimos) que possam existir algumas inexactidões.

## CONTEÚDO

### ◆ BREVE SINOPSE DA WEBPAGE

Cada **TÍTULO** em **maiúsculas e a negrito** corresponde a um **botão**, que nos permite uma navegabilidade não-linear, e nos conduz a páginas onde são tratados os assuntos do índice do esquema seguinte. No texto, as palavras sublinhadas ou imagens, permitem (através de **behaviors**) abrir uma nova janela com texto e/ou imagem e legenda(s).

## **HOME-PAGE**

### **◆ ESTRUTURA E LAYOUT DAS PÁGINAS**

...

### **◆ ASPECTO FINAL DAS PÁGINAS**

...

### **Mapa do Site:**

...

## CONCLUSÃO

---

Internet: este termo, há pouco menos de dez anos, era apenas conhecido pelos poucos que trabalhavam na área. Hoje, deve ser uma das palavras mais pronunciadas do planeta. A atracção exercida pela Internet é de tal modo que pessoas que nunca se interessaram pela Informática sentem agora de comprar um computador para se “ligarem” ao resto do mundo.

A *Web* disponibiliza um vastíssimo leque de informação. Não sendo o remédio para todos os males, é vista como a solução para uma panóplia de situações, pois facilita a participação activa dos seus utilizadores e permite que os utilizadores assumam um duplo papel: de consumidores e produtores de informação. Aquando da planificação fomos consumidores, enquanto executores do site somos produtores de informação e o mesmo poderá acontecer a quem nos visitar – aqui encontrarão respostas para algumas das suas preocupações, mas também o convite para participar activamente do melhoramento do site.

Muito do trabalho de pesquisa, de reflexão e de discussão implícito neste site teve origem no desenrolar do curso. Para nós, também foi importante, a colaboração e partilha de experiências e informação de outros, o que desde logo nos comprova as vantagens do trabalho cooperativo. Esperamos que, depois da construção do site, possamos contar com a mesma colaboração para o aperfeiçoar e actualizar.

Claro está, que a planificação do site poderá abranger outros conteúdos, outros interesses se poderão manifestar – não nos queremos esquecer da grande vontade desta gente de ver Vila Meã elevada à categoria de concelho, pelo que este projecto está no princípio de um caminho um pouco mais longo caminho: actualizar e desenvolver este Projecto agora iniciado, relevando o que há de mais interessante na nossa Terra fará parte dos nossos objectivos. Todos os contributos da PG são essencialmente para aplicar neste projecto. Essa, como tivemos oportunidade de dizer, foi uma das principais razões da inscrição neste curso.

## BIBLIOGRAFIA

---

AA.VV - Exercícios, notas e textos de apoio distribuídos na Pós-Graduação.

ALARCÃO, Jorge de – *Introdução ao Estudo da História e do Património Local*, Gráfica de Coimbra: Coimbra, 1988.

BARBOSA, Pedro Gomes - «Preservação e Memória», in *O Património Local e Regional: subsídio para um trabalho transdisciplinar*, Editorial do Ministério da Educação: Lisboa, 1998.

CADERNOS PEPT 2000 – *Educação para Todos, Construção Local dos Currículos: A Relação Escola-Meio*, Ministério da Educação: Lisboa, 1993.

CAMPOS, Bárto Paiva – *Psicologia do Desenvolvimento e Educação dos Jovens*, Universidade Aberta: Lisboa, 1990.

CAMPOS, Dinah Martins Souza – *Psicologia da Aprendizagem*, Vozes: Petrópolis, 1987.

CARVALHO, Rómulo de – *História do Ensino em Portugal*, Fundação Calouste Gulbenkian: Lisboa, 1986.

CASTANHEIRA, Ângelo, e outros, *O Guia Prático do Macromedia Flash 5*, Editora Centro Atlântico: V. Nova de Famalicão, 2001.

COLCHER, Sérgio, *Photoshop CS – Guia Autorizado Adobe*, Editora Campus: Rio de Janeiro, 2004.

DAPP – *Estratégias para a Acção: As TIC na Educação*, Ministério da Educação: Lisboa, 2002

DAVIS, C. e OLIVEIRA, Z. – *Psicologia na educação*, Cortez: São Paulo, 1991.

DECO-PROTESTE – *Conheça o Mundo da Internet – guia prático de ajuda para quem deseja aventurar-se na rede global*, Edideco: Lisboa, 2004.

DEPARTAMENTO DA EDUCAÇÃO BÁSICA – *Organização Curricular e Programas do Ensino Básico - 1º Ciclo*, Ministério da Educação: Lisboa, 1998.

DEPARTAMENTO DA EDUCAÇÃO BÁSICA – *Currículo Nacional do Ensino Básico – Competências Essenciais*, Ministério da Educação: Lisboa, 2001.

Departamento do Ensino Básico - *O Património Local e Regional: subsídio para um trabalho transdisciplinar*, Editorial do Ministério da Educação: Lisboa, 1998.

Dicionário de Português, Porto Editora: Porto, 1981 – colecção Dicionários do Estudante.

FERREIRA, Pedro Cid, *Flash MX – Conceitos e Práticas*, FCA-Editora de Informática Lda.: Lisboa, 2004.

FERREIRA, Pedro; AZEVEDO, Emília, *Flash 5 – Conceitos e Práticas*, FCA-Editora de Informática Lda.: Lisboa, 2001.

FREIXO, M. J. Vaz. *A Televisão e a Instituição Escolar: os Efeitos das Mensagens Televisivas e a sua Importância na Aprendizagem*. Instituto Piaget: Lisboa, 2002.

GAL, Roger – *História da Educação*. Vega: Lisboa, 2000.

GONÇALVES, Anabela – *O Guia Prático do Macromedia Dreamweaver MX2004*, Centro Atlântico: Vila Nova de Famalicao, 2004.

GOVERNO – *Proposta de Lei de Bases da Educação*. Lisboa: Governo de Portugal, Maio de 2003.

JUSTINO, David – *Reforma do Ensino Secundário: Linhas Orientadoras da Revisão Curricular*. Ministério da Educação - Departamento do Ensino Secundário: Lisboa, 2002.

LEAL, Amadeu Cordeiro – *Legislação do Ensino Primário e Jardins-de-Infância*, Porto Editora: Porto, 1985.

LEITE, Luci Banks – *As dimensões interacionista e construtivista em Vygotsky e Piaget*. Cadernos do CEDES, nº 24, São Paulo, 1991, pp. 25-31.

LETRA, Carlos – *Reorganização Curricular – Planos Gailivro do Professor 4º Ano*, Edições Gailivro: V. N. Gaia, 2004.

LYNCH, Patrick J.; HORTON, Sarah, *Guia de Estilo da Web*, Editorial Gustavo Gili, SA: Barcelona, 2004.

MISSÃO PARA A SOCIEDADE DA INFORMAÇÃO – *Livro Verde para a sociedade da Informação*. Missão para a Sociedade da Informação: Lisboa, 1997.

MORIN, Edgar – *As grandes questões do nosso tempo*. Editorial Notícias: 1987.

PIAGET, Jean e INHELDER, Barbel – *A Psicologia da Criança*, Edições ASA: Porto, 1997.

PIRES, Carla, SOARES, Cristina e FONSECA, P. Rita – *Matemática*, V. N. Gaia: Instituto Piaget, 2005, 20 p., Projecto de Investigação de Pós-Graduação em Tecnologia de Informação e Comunicação.

PIRES, Lemos – *Lei de Bases do Sistema Educativo*, Edições ASA: Porto, 1987.

PONTE, J. P. – *Tecnologias de Informação e Comunicação na Formação de Professores: Que Desafios?* Revista Ibero-Americana de Educación, nº 24, 2000.



SCHUMAN, Lisa – *Perspectives on Instruction*. Educacional Technology, 1996.

SCHWARTZ, Bertrand – «Escola e Vida», in *Uma Escola Diferente*, Livros Horizonte: Lisboa, 1984.

Sociedade de Língua Portuguesa – *Grande Dicionário da Língua Portuguesa*, Amigos do Livro: Lisboa, 1981, tomo VIII.

SPRINTHALL, Norman e SPRINTHALL, *Psicologia Educacional – Uma Abordagem Desenvolvimentista*, Alfragide: McGraw-Hill de Portugal, 1993.

SILVA, Manuela e TAMEN, M. Isabel – *Sistema de Ensino em Portugal*, Fundação Calouste Gulbenkian: Lisboa, 1981.

UNESCO – *Professores e Ensino num mundo em mudança*, in Relatório Mundial de Educação 1998, Edições ASA: Porto, 1998.

VYGOTSKY, L., VYGOTSKY, S., e JOHN-STEINER, Vera – *Mind in Society: The development of higher Psychological Processes*. Harvard University Press: Harward, 1978.

© CARLOS OLIVEIRA E JOAQUIM QUEIROZ  
INSTITUTO PIAGET, V. N. GAIA - SET/2005